

COMPARANDO AS CATARATAS: NIAGARA FALLS NA NARRATIVA DAS CATARATAS DO IGUAÇU (1780-1900)

COMPARING THE FALLS: NIAGARA FALLS IN THE IGUAZU FALLS NARRATIVE (1780-1900)



<https://doi.org/10.22228/rtf.v17i1.1258>

Micael Alvion da Silva

 Universidade Federal da Integração Latino-Americana

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5113-5106>

 E-mail: micael.silva@unila.edu.br

Resumo: As Cataratas do Rio Niágara formam uma parte da fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos. Distante cerca de oito mil quilômetros, as Cataratas do Rio Iguazu formam uma parte da fronteira entre a Argentina e o Brasil. Além da condição fronteira e da propaganda turística, as regiões no entorno de ambas as cataratas possuem uma “história paralela”. Ambas as cataratas são explicadas na mitologia dos povos nativos por lendas semelhantes e foram “descobertas” por europeus no período colonial. Nesse artigo, o objetivo é analisar a “história conectada” que antecede o apelo comparativo comercial que teve início em 1912. Para tanto, busca por compreender a conexão histórica entre as Cataratas do Iguazu e Niagara Falls a partir da leitura e análise de um escopo de quatro relatos registrados após as viagens de Félix de Azara (1780), Alejo Peyret (1877), Florêncio de Balsadúa (1897) e Domingos Nascimento (1903). Esses agentes estatais tinham em comum o fato de executarem uma missão em um território em disputa e, apesar do caráter descritivos de seus relatos, destaca-se a seção em que cada autor mencionou as Cataratas do Iguazu. Da análise qualificou-se a coincidente conexão estabelecida pelos agentes históricos e concluiu-se que Niagara Falls surgiu em todas as narrativas Cataratas do Iguazu como um modelo de desenvolvimento regional por meio do turismo a ser observado e, dentro do possível, replicado sobretudo no que se refere à infraestrutura regional e local. No âmbito dessa conexão histórica, duas lacunas foram observadas: o diálogo entre nacionalistas e pan-americanistas do final do século XIX e início do XX e a comparação qualificada entre os principais aspectos históricos (desenvolvimento, fronteira, turismo).

Palavras-chaves: História das Américas, Histórias Conectadas, Cataratas do Iguazu, Niagara Falls, Fronteira, Turismo.

Abstract: The Niagara River Falls form a part of the border between Canada and the United States. About eight thousand kilometers, the Iguazu River Falls form a part of the border between Argentina and Brazil. In addition to the border condition and tourist propaganda, the regions around both of the falls have a “parallel history”. Both Falls are explained in the mythology of native peoples by similar legends and were “discovered” by Europeans in the colonial period. In this article, the objective is to analyze the “connected history” that precedes the commercial comparative appeal that began in 1912. To do so, it seeks to understand the historical connection between the Iguazu and Niagara Falls from the reading and analysis of a scope of four reports registered after the trips of Felix de Azara (1780), Alejo Peyret (1877), Florencio de Balsadúa (1897) and Domingos Nascimento (1903). These state agents had in common the fact that they executed a mission in a dispute territory and, despite the descriptive character of their reports, stands out the section in which each author mentioned the Iguazu Falls. From the analysis the coincident was the connection established by the historical agents and it was concluded that Niagara Falls emerged in all narratives of Iguazu Falls as a regional development model through tourism to be observed and, as far as possible, replicated above all refers to regional and local infrastructure. Within this historical connection, two gaps were observed: the dialogue between nationalists and pan Americanists from the late nineteenth and early twentieth century and the qualified comparison between the main historical aspects (development, border, tourism).

Keywords: History of the Americas, Connected History, Iguazu Falls, Niagara Falls, Frontier, Tourism.

Introdução

No norte e no sul das Américas encontra-se uma coincidência geográfica interessante. No Rio Niágara, existe uma catarata (grande queda d'água, com grande volume e barulho) que atualmente divide os Estados Unidos e o Canadá. No Rio Iguaçu, na divisa do Brasil com a Argentina existe outra catarata. De imediato, podemos afirmar que os dois maiores países da América do Norte compartilham *Niagara Falls* e os dois maiores países da América do Sul compartilham as Cataratas do Iguaçu. Distantes cerca de oito mil quilômetros, ambas as cataratas binacionais tornaram um espaço de visitação em massa, com o registro anual de cerca de 10 milhões de visitantes em Niágara e 2 milhões de visitantes no Iguaçu.¹

Ademais da coincidência geográfica, existe uma história paralela entre *Niagara Falls* e as Cataratas do Iguaçu. A começar pela explicação dos povos originários sobre a formação daquelas cataratas. Em ambas, existe uma lenda que envolve o protagonismo de uma mulher jovem, um caso amoroso e um conflito. No conflito, uma serpente gigante protagoniza um estrondo no leito do rio que forma as cataratas.² Outro aspecto da história paralela é a primeira passagem de um europeu (“descobrimento”) no contexto do período colonial. Em 1542, a expedição do espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca alcançou as Cataratas do Iguaçu e, em 1678, o padre francês Louis Henneppin avistou *Niagara Falls* pela primeira vez.³ Além da mitologia e do contato dos europeus, a posterior formação das fronteiras nacionais e o desenvolvimento do turismo figuram entre os aspectos históricos que merecem destaque na “história paralela” em torno das cataratas.

Nos limites deste artigo, afasto-me dessa “história paralela” para o escopo mais específico de uma “história conectada” pelo discurso dos agentes históricos.⁴ Relatos de pessoas que visitam e comparam ambas as cataratas abundam na internet, quase sempre repetindo um padrão histórico. A esposa do ex-presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, teria conhecido as Cataratas do Iguaçu e exclamado “pobre Niágara”. Apesar de ser muito comum essa referência tanto na América do Norte quanto na América do Sul, não há evidências de que Eleanor Roosevelt tenha visitado o Iguaçu, embora esteve

¹ NIAGARA REGION. *Niagara Tourism*. Niagara Falls: Niagara Canada, 2018; PMFI. *Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas*. Foz do Iguaçu: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2018.

² CHARLES, V. M. *Maiden of the Mist: A Legend of Niagara Falls*. Markham: Fitzhenry & Whiteside, 2001; BALSADÚA, F. D. *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*. La Plata: Instituto Geográfico Argentino, 1901.

³ HENNEPIN, L. *A new discovery of a vast country in America [1698]*. Chicago: A. C. MaCLURG & CO., 1903; HERNÁNDEZ, P.; VACA, A. N. C. D. *La relación y comentarios del Gobernador Alvar Núñez Cabeça de Vaca, de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias*. Valladolid: Francisco Fernández de Córdova, 1555.

⁴ SUBRAHMANYAM, S. Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Cambridge, 31, n. 1, 1997. 735-762.

no Brasil na década de 1940.⁵ Em contraste, passa praticamente despercebida a declaração do aviador, e celebridade mundial do seu tempo, Alberto Santos Dumont que visitou as Cataratas do Iguazu em 1916, e depois deu uma entrevista na qual a comparou ambas as cataratas. Em suas palavras, o Iguazu formava um “Niágara latino”, “maior, muito maior” e “mais pitoresco” que *Niagara Falls*.⁶

A atividade turística comercial nas Cataratas do Iguazu iniciou no começo do século XX.⁷ Em 1912, a Agência Cook (pioneira no turismo internacional e com matriz na Europa) inaugurou uma filial em Buenos Aires e incluiu a visitação às Cataratas do Iguazu como um dos seus itinerários na América do Sul. Sua “Revista de Viagem” que circulava entre turistas da Europa e dos Estados Unidos explorava a curiosidade dos clientes para conhecer e comparar as cataratas do Iguazu e do Niágara.⁸ Para os limites desse artigo, contudo, interessa analisar como *Niagara Falls* foi inserida na narrativa das Cataratas do Iguazu antes da comercialização de pacotes turísticos. Esse recorte visa afastar o efeito do *marketing* que induzia à comparação especialmente junto ao público que visitava as cataratas dos Estados Unidos.

Em termos de metodologia, ressalta-se a busca por compreender a conexão histórica entre as Cataratas do Iguazu e *Niagara Falls* a partir da leitura e análise de um escopo de relatos de viagem. Utilizaremos como fontes primárias o discurso contido no relato de quatro agentes históricos que visitaram a região e as Cataratas do Iguazu no cumprimento de missões delegadas por seus respectivos Estados. Tais relatos foram publicados no formato de livro, sendo o primeiro escrito por Félix de Azara, no contexto da tentativa de delimitação da fronteira colonial por parte do Império Espanhol, após o Tratado de Santo Ildelfonso (1777). Os demais livros, escritos por Alejo Peyret, Florêncio de Balsadúa e Domingos Nascimento, situam-se temporalmente no período de consolidação dos Estados Nacionais argentino e brasileiro, especialmente após a Guerra da Tríplice Aliança (1870).⁹

⁵ LIMA, Jackson. *Poor Niágara!* Eleanor Roosevelt esteve nas Cataratas? Blog de Foz, 2009. Disponível em: <https://bityli.com/TZKhk>, acesso em 17 de março de 2022.

⁶ O ESTADO DE S. PAULO. Conversando com Santos Dumont. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 11 maio 1916.

⁷ FIFER, J. V. *United States Perceptions of Latin America, 1850-1930: A "New West" South of Capricorn?* Manchester: Manchester University Press, 1991, p. 143.

⁸ O ESTADO DE S. PAULO. Ecos Americanos: Excursões ao Iguazu, o parque nacional argentino na grande cachoeira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 3, 24 maio 1912.

⁹ Conforme se explicitará na análise a seguir, os autores selecionados não foram os únicos que empreenderam expedições e relataram sobre o espaço fronteiriço imediato às Cataratas do Iguazu. O livro de Félix de Azara (AZARA, F. D. *Viajes por la América del Sur*. Montevideo: Imprenta del Comercio del Prata, 1850) é uma exceção por ser um relato único da demarcação da fronteira Espanha-Portugal, sendo que ele esperou todo o tempo de sua missão na América do Sul (1780-1801) pelo delegado português que nunca foi enviado. Os demais autores são representantes de disputas e perspectivas sobre o espaço fronteiriço no período posterior à Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), consideravelmente estudado por europeus, argentinos e brasileiros. Alejo Peyret (PEYRET, A. *Una visita a las colonias de la Republica Argentina*. Buenos Aires: Imprenta Tribuna Nacional, 1889) representa um conjunto de encomendas de agências argentinas para que exploradores europeus, como foi também o caso de Martin de Moussy (MOUSSY, M. D.

Os agentes estatais mencionados tinham em comum o fato de executarem uma missão em um território em disputa. Os relatos foram extensos, descritivos e, particularmente, importou-nos a seção em que cada autor mencionou as Cataratas do Iguaçu. Ao analisar essa parte de cada relato, foi necessário contextualizar cada autor e sua respectiva missão para então destacar suas impressões sobre o Iguaçu e, coincidentemente, os quatro relatos analisados mencionam *Niagara Falls*. Um resumo da análise da narrativa de cada autor será apresentado nas próximas três seções deste artigo. A última seção será dedicada à análise da “história conectada” entre *Niagara Falls* e as Cataratas do Iguaçu.

A narrativa de Félix de Azara

Mais de dois séculos depois da passagem de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca pelas Cataratas e pela foz do Rio Iguaçu, o espanhol Félix de Azara foi enviado à América do Sul com uma missão especial. O alto funcionário da Espanha deveria atuar na demarcação das fronteiras com Portugal na América do Sul, onde permaneceu entre 1781 e 1801. Durante suas viagens, esteve nas Cataratas do Iguaçu e registrou o barulho, a espuma e o arco-íris. A memória de Félix de Azara ainda é forte no Paraguai e na Argentina, mas praticamente desconhecida no Brasil.

Depois do Tratado de Santo Ildelfonso (1777), os Impérios da Espanha e de Portugal decidiram demarcar suas fronteiras e, para tal, uma expedição de cada lado deveria ser enviada para a América do Sul. De acordo com Félix de Azara, a missão bilateral deveria

Description Géographique et Statistique de la Confédération Argentine. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1860) e Carlos Burmeister (BURMEISTER, C. *Memoria sobre el Territorio de Misiones*. Buenos Aires: Imprenta, Litog. y encuadernación de J. Peuser, 1899). Para esse artigo, a escolha de Peyret se deu por sua missão específica de localizar e recomendar locais para criação de colônias, com atenção especial para a região do *Iguazú*. A escolha de Florêncio de Balsadúa (BALSADÚA, F. D. *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*. Op. cit.), por sua vez, ocorreu por ser um representante da “*generación del 80*” (ARANHA, B. P. D. L. *Entre sertões e desertos: Viajantes brasileiros e argentinos na fronteira (1882-1905)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020, p. 194), um movimento que enaltecia a nacionalidade argentina. Dentre outros numerosos registros (como HERNÁNDEZ, R. *Cartas Misioneras*. Buenos Aires: ditorial Universitaria de Buenos Aires, 1973; LISTA, R. *El Territorio de las Misiones*. Buenos Aires: Imprenta La Universidad de J.N. Klingelfuss, 1883; HOLMBERG, E. L. *Viaje a Misiones*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2012; AMBROSETTI, J. B. *Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú*. Buenos Aires: Instituto Geográfico Argentino, 1894), Balsadúa foi escolhido por ter o relato mais completo e complexo do entorno das Cataratas do Iguaçu. A contraparte do lado brasileiro está representada nessa análise pela inclusão da publicação de Domingos Nascimento (NASCIMENTO, D. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typografia da República, 1903), que representa um projeto “*paranista*” de construção da identidade do Paraná em relação à nacionalidade brasileira. Existem outros relatos FRANCO, A. M. *Recordações de viagens ao Alto Paraná*. Curitiba: EDUFPR, 1983. MURICY, J. C. D. S. *Á Foz do Iguassú - Ligeira Descrição de uma Viagem Feita de Guarapuáva á Colonia da Foz do Iguassú em Novembro de 1892*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896; SILVEIRA NETTO, M. A. *Do Guayrá aos Saltos do Iguaçu*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995), mas a escolha por analisar o relato de Nascimento tem a ver com o fato de ser o “*mais extenso e minucioso*” (ARANHA, B. P. D. L. *Entre sertões e desertos*. Op. cit. p. 136).

fixar “a linha de demarcação das nossas respectivas posses”.¹⁰ Mas, os portugueses nunca enviaram seus delegados. Por isso, Azara tomou a iniciativa unilateral de cumprir sua missão de demarcar os limites do Império Ibérico. Em linguagem precisa e com muitos detalhes, Azara descreveu o Rio Paraná e o Rio Iguaçu, destacando as Cataratas do Iguaçu e os *Saltos del Guayrá*, que mais tarde seria conhecido no Brasil como Sete Quedas (que duzentos anos depois seria alagada para a formação do Lago de Itaipu).

No trecho da comparação entre as Cataratas do Iguaçu e os *Saltos del Guayrá*, Félix de Azara argumentou que as cataratas do Rio Iguaçu e do Rio Paraná não poderiam ser comparadas com as quedas d’água da Europa. O motivo era a falta de parâmetro adequado, já que “nesta parte do mundo, as montanhas, vales, rios cachoeiras, tudo, em uma palavra, tem grandes proporções”.¹¹

Sobre as Cataratas do Iguaçu, Azara destacou a semelhança com os *Saltos del Guayrá* em relação a três aspectos: “ao ruído, os vapores, espuma e arco-íris”.¹² E suas comparações foram além da América do Sul. Citando o “famoso salto do Niágara”¹³, Azara valeu-se de outra publicação a qual chamou de “cópia da carta dos Estados Unidos [...] composta por Arrow Smith”¹⁴ para comparar as Cataratas do Iguaçu, *Niagara Falls* e *Salto del Guayrá*. Note-se que a comparação foi técnica com menções específicas a dados de altura, volume de águas e quantidade de rochas. Não há qualquer menção à beleza das cataratas do Rio Iguaçu e do Rio Niágara. Apenas sobre o *Salto del Guayrá* que o espanhol chegou perto da poesia: “uma cascata espantosa, digna de ser descrita pelos poetas”.¹⁵

Em 1801, a missão de Azara na América do Sul foi encerrada e o então funcionário da Coroa Espanhola foi chamado de volta à Europa. Apesar de não contar com a delegação de Portugal, Azara concluiu que havia demarcado a fronteira da “América Meridional”. O baixo interesse dos portugueses pela demarcação da fronteira tornou o relato de Félix de Azara um documento oficial único. Trata-se de um testemunho do esforço espanhol em delimitar a fronteira da América do Sul, incluindo a área das Cataratas do Iguaçu. Contudo, naquela segunda década do século XIX, as fronteiras imperiais da Espanha e Portugal deixariam de existir porque as colônias se converteriam em países independentes. As cataratas seriam compartilhadas pela Argentina (independente desde 1816) e pelo Brasil (independente desde 1822).

¹⁰ AZARA, F. D. *Viajes por la América del Sur*. Op. cit. p. 32.

¹¹ *Ibidem*, p. 60. Sobre a comparação geográfica Europa-América, existe uma considerável historiografia que não pode ser abordada nos limites deste artigo. Para um exemplo, ver MOREIRA, L. F. V.; QUINTEROS, M. C. Em Busca de Aimé Bonpland. *Fronteiras*, Dourados, 10, n. 18, 2008. 221-236.

¹² AZARA, F. D. *Viajes por la América del Sur*. Op. cit. p. 59.

¹³ AZARA, F. D. *Viajes por la América del Sur*. Op. cit. p. 61.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*, p. 59.

Depois da década de 1820, os relatos de viagem teriam outra conotação. O *desierto* para a Argentina ou o sertão para os brasileiros foram termos que os nacionalistas utilizaram para explicar a Província de Misiones e o oeste do Paraná, respectivamente.¹⁶ Misiones e Paraná foram as unidades das novas federações no espaço binacional das Cataratas do Iguaçu. O movimento e os argumentos nacionalistas se intensificaram a partir do término da Guerra da Tríplice Aliança (1870), que coincide com um período de consolidação das fronteiras nacionais na América do Sul, com a expansão da exploração da erva-mate e com o advento do barco a vapor.¹⁷

A narrativa de Alejo Peyret

Depois de quase um século da viagem de Félix de Azara, o contexto da fronteira havia mudado radicalmente. Os próximos três livros analisados refletem esse novo período relativamente breve, entre o pós-Guerra da Tríplice Aliança e o início do século XX. No mesmo território onde havia passado os altos funcionários do império espanhol (Cabeza de Vaca e Félix de Azara), o francês Alejo Peyret encontrou, nas suas palavras, “uma linha divisória de três nações: República Argentina, República do Paraguai e Império do Brasil”.¹⁸ Peyret foi designado pela *Oficina de Tierras y Colonias* (uma agência do governo da Argentina) para uma missão específica. Intelectual e político, ele recebeu a incumbência de fazer um estudo sobre a Província de Misiones e indicar onde seria melhor o governo estabelecer colônias agrícolas no território. Um dos locais visitados foi a fronteira da Argentina com o Império do Brasil, em 1877.

Alejo Peyret escreveu e publicou diversas cartas sobre sua missão no território argentino. Sua passagem pelas Cataratas do Rio Iguaçu ficou registrada em uma de suas cartas que, em 1881, foi publicada no livro “Cartas de Misiones”.¹⁹ A leitura do seu relato nos coloca em contato com um tom poético sobre a beleza das Cataratas, o que não havia nos registros anteriores. A poesia e o lado belo das Cataratas do Iguaçu são características do período pós-independência ou nacionalista.

Informado sobre as Cataratas do Rio Iguaçu, Peyret fez sua excursão guiado por “exploradores” argentinos com os quais havia tido contato na “selva” de Misiones. A caminho dos saltos, Peyret enfrentou obstáculos descritos como “horrríveis”. Em barcos limitados, enfrentou neblina e tempestade, além da cheia do Rio Iguaçu. O trajeto final até

¹⁶ ARANHA, B. P. D. L. *Entre sertões e desiertos*. Op. cit.

¹⁷ SILVA, M. A. *Breve História da Tríplice Fronteira*. Foz do Iguaçu: 100Fronteiras, 2022.

¹⁸ PEYRET, A. *Una visita a las colonias de la Republica Argentina*. Op. cit., p. 220.

¹⁹ *Ibidem*.

as Cataratas foi concluído a pé, com o encarregado da Argentina e seus ajudantes caminhando sobre as pedras das margens do rio.²⁰

Depois de longa caminhada, a expedição teve de acampar e passar a noite antes de contemplar as cataratas. Do acampamento, já ouviam o barulho das águas e ao amanhecer a caminhada continuou. Depois de narrar esses fatos e de nos convencer das suas dificuldades de acesso, Peyret informa que finalmente contemplou uma “nuvem de espuma” e, mais adiante, um arco-íris “nas várias cores” contrastava com o fundo de “deslumbrante brancura” causada pela forte queda das águas.

Peyret era um homem do seu tempo em uma missão específica para o governo argentino. Mas, não perdia de vista o futuro. Suas impressões das Cataratas do Iguaçu o levaram a fazer recomendações que iam além das possibilidades de fixar colônias na parte argentina da fronteira. Uma dessas recomendações foi de caráter prático. Baseado na experiência de turistas nos Alpes europeus, Peyret se aproximou das Cataratas do Iguaçu utilizando um bordão de madeira. E finalizou que se alguém quer visitar o Iguaçu, “aconselho levar um bordão”.²¹

Para o futuro, Peyret sinalizou que era necessário abrir caminhos para que as pessoas pudessem ver as cataratas com melhor conforto. E se perguntou: quem irá fazer isso? Ele mesmo respondeu: “uma força coletiva”. Evidentemente que ele pensava na ação do Estado. É um pouco forçado associar essa menção aos futuros Parques Nacionais, mas naquele ano de 1877 já se concluía que qualquer iniciativa para o desenvolvimento do turismo teria de ser em nível nacional.²²

Por fim, Peyret concluiu que depois de uma intervenção do Estado em favor do turismo, “então os viajantes irão visitar o admirável salto do Iguaçu como vão visitar o salto do Niágara” nos Estados Unidos. Mas, até por volta da década de 1940, seguia sendo útil a utilização de um bordão de madeira para facilitar a caminhada pelas pedras. Essa página da história da visitação turística nas Cataratas do Iguaçu foi virada com a criação do Parque Nacional do Iguaçu.

A narrativa de Florêncio de Balsadúa

A expedição de Florêncio de Balsadúa esteve nas Cataratas do Iguaçu em 1897, com o objetivo de coletar amostras da floresta e tirar fotografias para a exibição da Argentina,

²⁰ *Ibidem*, p. 224.

²¹ *Ibidem*, p. 225.

²² *Ibidem*, p. 226.

na Exposição Universal de Paris. O evento na França aconteceu em 1900 e deveria celebrar as conquistas do século XIX e continha ideias para acelerar o desenvolvimento do novo século XX. Muito além de posicionar as Cataratas do Iguaçu no maior evento internacional da época, Balsadúa fez, certamente, o primeiro registro escrito da Lenda das Cataratas e comentou sobre um futuro Parque Nacional do Iguaçu.

Na década de 1880, o interesse dos argentinos por Misiones estava tão intenso que os vários viajantes “nacionais” daquela época foram chamados de “geração de 80”.²³ Abundam publicações dessa geração²⁴ todos tendo em comum o fato de partirem de Buenos Aires e serem defensores da nacionalidade argentina sobretudo projetos da integração de Misiones à nação. A escolha do relato de Balsadúa se deve por sua atuação em prol da nacionalidade (embora fosse espanhol de nascimento), mas principalmente porque sua missão o levou à ficar muitos dias, fazer contato com nativos e sua descrição das Cataratas do Iguaçu é certamente a mais completa daquela geração de 1880.

Balsadúa e os membros de sua expedição passaram algumas semanas de novembro de 1897 acampados do lado brasileiro das cataratas. Eles literalmente tiveram que levantar seu próprio acampamento já que não havia sequer uma cabana para hóspedes. E não foram os únicos. Naquela época, as cataratas se tornaram alvo de vários exploradores. Tanto que Balsadúa relatou ter encontrado vestígios de acampamento recente e uma mensagem em uma garrafa. A mensagem dizia: “cuidado com a onça”!²⁵

Essa história e todos os acontecimentos da viagem são descritos por Balsadúa em um livro publicado em 1901. Trata-se de um dos relatos históricos mais completos e cheio de sentimentos em relação à beleza das cataratas. Seu lado poético foi certamente influenciado porque ele passou, nas suas palavras, “dias, horas, semanas inteiras” contemplando os saltos. Um cenário que o deixava “em delírio e êxtase”.²⁶

As máquinas de tirar fotos não eram comuns em 1897. Talvez um dos primeiros aparatos para fotografar as cataratas foi aquele trazido pela comitiva de Balsadúa. Não sei quantas fotos ele expôs em Paris, mas no livro há dez belas fotos para os padrões da época. Apesar disso, ele fez uma ressalva: a foto é uma “pálida sombra” da paisagem colorida, viva e deslumbrante das cataratas.²⁷

Mas, a mesma paisagem do “êxtase” também causava “assombro”. Balsadúa faz um evidente o contraste entre a beleza e a dificuldade de acesso aos saltos do rio Iguaçu. Para

²³ ARANHA, B. P. D. L. *Entre sertões e desertos*. Op. cit. p. 194.

²⁴ Por exemplo: HERNÁNDEZ, R. *Cartas Misioneras*. Op. cit.; LISTA, R. *El Territorio de las Misiones*. Op. cit.; HOLMBERG, E. L. *Viaje a Misiones*. Op. cit.; AMBROSETTI, J. B. *Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná e Iguaçu*. Op. cit.

²⁵ BALSADÚA, F. D. *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*. Op. cit. p. 151.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ *Ibidem*.

ele, contemplar as Cataratas do Iguaçu era uma “linda recompensa” para os exploradores. Contudo, as dificuldades eram tantas que o aventureiro “joga com a vida” para chegar o mais próximo possível dos saltos e então montar um acampamento.²⁸

Superados os desafios, a expedição de Balsadúa enfrentou um calor escaldante, chuvas “quase diárias” e muita umidade. Como consequência, os pães, o açúcar e o tabaco que trouxeram não secavam. A recompensa era poder contemplar “milhares de orquídeas, milhões de borboletas” e os bandos de papagaio que se banhavam no vapor das Cataratas. A beleza extraordinária da fauna e da flora foi justamente o que Balsadúa usou para comparar as Cataratas do Iguaçu com *Niagara Falls*. Para ele, que recorreria a relatos de terceiros para fazer a comparação, o Iguaçu, com suas flores, cipós e orquídeas tem beleza “imensamente superior à beleza do Niágara”.²⁹ Voltaremos ao tema na seção seguinte.

Vários membros da expedição de Balsadúa eram indígenas. Um indígena “velho” chamado Yarú, em volta de uma fogueira, contou a Lenda das Cataratas. Yarú explicou que quando o Rio Iguaçu era apenas um rio, havia na região uma jovem índia chamada Naipi. Por sua beleza excepcional, ela foi encomendada ao seu pai, o pajé Mboy, para ser consagrada ao deus-serpente que governa o mundo. Mas, ela se apaixonou pelo jovem Tarobá e, antes da consagração, eles decidiram fugir do destino em uma canoa pelo rio. Percebendo o movimento, o deus-serpente despertou e descobriu o plano dos apaixonados.³⁰

Com muita raiva, a serpente contraiu seu corpo na terra e causou um grande terremoto, que formou as Cataratas do Iguaçu. Além disso, para se vingar dos jovens, a serpente transformou Tarobá em uma árvore e Naipi em uma pedra. O castigo deles é eterno e até hoje eles se contemplam, mas não podem se aproximar. A história de Yarú terminou com um ar de mistério. O velho índio disse a Balsadúa que a serpente ainda vive em uma caverna “embaixo dos nossos pés”. Coube a Florêncio de Balsadúa tomar notas e, talvez pela primeira vez, fazer o registro da Lenda das Cataratas do Iguaçu.³¹

Assim, podemos dizer que o livro de Balsadúa foi muito além da sua missão de coletar itens para a exposição universal de Paris. Além das fotos, das descrições e da lenda, Balsadúa ainda endossou a ideia do capitão Edmundo de Barros, da Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Naquele mesmo ano de 1897, Edmundo de Barros tinha um plano para a

²⁸ *Ibidem*, p. 154.

²⁹ *Ibidem*, p. 168.

³⁰ *Ibidem*, p. 163.

³¹ *Ibidem*, p. 162.

criação de um Parque Nacional no entorno das Cataratas do Iguaçu. Foi ele quem escreveu “entrada do Parque Nacional” uma plaquinha e a fixou em uma árvore.³²

Depois de encontrar a plaquinha de Edmundo de Barros, Balsadúa fez votos de que “o governo brasileiro decreta” a criação de um Parque Nacional.³³ Mais tarde, relatos como o de Balsadúa foram tidos pelos argentinos como “prova” dos planos brasileiros de criar um Parque Nacional na fronteira.³⁴ E o resultado veio 37 anos depois, quando a Argentina criou o Parque Nacional Iguazú, em 1934. A criação do Parque brasileiro ainda ficaria para 1939.

A narrativa de Domingos Nascimento

Do outro lado da fronteira do Rio Iguaçu, as análises também floresceram. Assim como no caso argentino, os agentes do Estado brasileiro desenvolveram uma visão sobre o ambiente fronteiriço que deveria “ser efetivamente integrado a seus respectivos projetos de nação”.³⁵ No contexto brasileiro, a obra de Domingos Nascimento é o melhor exemplo de um projeto “paranista” de construção da identidade do Paraná no contexto da nação brasileira. Certamente, o relato “mais extenso e minucioso”,³⁶ mas não o único, já que outros fizeram semelhantes relatos.³⁷

O Estado do Paraná foi criado em 1853, desmembrado do Estado de São Paulo. Em comemoração do primeiro cinquentenário paranaense, em 1903, Domingos Nascimento venceu um concurso que fomentou uma exploração ao interior do Estado. Uma das contrapartidas era que o contemplado fizesse uma pesquisa e escrevesse um livro sobre as belezas do interior do estado do Paraná. No dia 3 de junho de 1903, o militar, republicano, poeta e político paranaense Domingos Nascimento fez uma visita às Cataratas do Iguaçu. Domingos Nascimento percorreu e escreveu sobre o Estado do Paraná, da capital Curitiba até a fronteira com a Argentina e o Paraguai. Uma parte importante do seu relato foi sobre a beleza das Cataratas do Iguaçu.

Domingos Nascimento e seu ajudante Plínio percorreram o interior do Paraná em uma expedição que detalhou como era fazer uma visita às Cataratas do Iguaçu em 1903. O resultado foi publicado no livro “Pela Fronteira”, que se tornou um clássico registro do

³² *Ibidem*, p. 144.

³³ *Ibidem*.

³⁴ FREITAS, F. *Nationalizing Nature: Iguazu Falls and National Parks at the Brazil-Argentina Border*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 23-24.

³⁵ ARANHA, B. P. D. L. *Entre sertões e desertos*. *Op. cit.* p. 195.

³⁶ *Ibidem*, p. 136.

³⁷ FRANCO, A. M. *Recordações de viagens ao Alto Paraná*. *Opt. cit.*; MURICY, J. C. D. S. *Á Foz do Iguassú - Ligeira Descrição de uma Viagem Feita de Guarapuáva à Colonia da Foz do Iguassú em Novembro de 1892*. *Opt. cit.*; SILVEIRA NETTO, M. A. *Do Guayrá aos Saltos do Iguaçu*. *Opt. cit.*

início do Brasil República e do século 20 na região da Tríplice Fronteira.³⁸ Apesar da importância para a fronteira, o livro “Pela Fronteira” não foi a obra mais importante de Domingos Nascimento. Talentoso, ele escreveu outros livros, foi também um poeta e escreveu a letra do Hino do Paraná. Em resumo, ele foi uma pessoa muito influente no Estado do Paraná em sua época. Tanto que, em 1915, ele era cotado para concorrer à eleição para governador do Paraná. Infelizmente, Nascimento faleceu naquele ano aos 53 anos de idade.

Na descrição de Domingos Nascimento, podemos observar como era uma visita às Cataratas do Iguaçu em 1903. Quando chegou na fronteira, Nascimento e seu companheiro hospedaram em um “chalé de madeira” na sede da Colônia Militar. Da Colônia até às Cataratas, o percurso de aproximadamente 25 quilômetros foi feito a cavalo. Pouco antes da partida, Nascimento registrou que estava tudo pronto: “os animais, a soga (corda), o companheiro pronto, a casa hospitaleira à nossa espera”.³⁹

Naquela época, para fazer uma boa visita às Cataratas era necessário pernoitar para recompor as energias. Somente depois disso que o visitante fazia diversas trilhas para contemplar as quedas de água por ângulos diferentes. Passar a noite próximo das Cataratas significava dormir na “casa hospitaleira”.⁴⁰ A casa era uma cabana toda feita e decorada com bambu. Nas proximidades, vivia o espanhol Jesus Val e sua família.

Jesus Val vivia da exploração de madeira e tinha um bom trânsito tanto no Brasil quanto na Argentina. Do lado brasileiro, além de explorar madeira ele também atuava como uma espécie de “empreendedor” e guia de turismo. Domingos Nascimento ficou no modesto empreendimento de hospedagem e no dia seguinte foi guiado por Jesus Val para conhecer as Cataratas do Iguaçu. Não há registro de que esse princípio de atividade turística fosse explorado comercialmente. O modo de vida e de fazer dinheiro naquela época era a extração de madeira para revender na Argentina.

Domingos, Plínio e Jesus Val andaram alguns quilômetros na mata “cerrada e úmida” e começaram a ouvir os “bramidos das Cataratas”.⁴¹ Finalmente, Domingos Nascimento foi levado a pontos estratégicos para ter a melhor visão das Cataratas e relatou que “tudo quanto contemplo deslumbra”.⁴² Uma parte de sua narrativa descreve suas aventuras e perigos para obter melhor ângulo de observação. Com certo exagero, disse que

³⁸ NASCIMENTO, D. *Pela Fronteira*. Op. cit.

³⁹ *Ibidem*, p. 127.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*, p. 131.

⁴² *Ibidem*, p. 134.

arriscou a vida até o ponto de um nervoso Jesus Val lhe advertir e seriamente dizer “basta, senhor, de imprudências; nem um passo mais!”.⁴³

Ora mais poético, ora mais descritivo, Domingos Nascimento registrou que a visão das cataratas era de uma beleza sem par. Destacou as “colunas de vapores... cortadas de belos arco-íris”. Essa foi a primeira descrição do oeste do Paraná e ao “belo espetáculo” das Cataratas do Iguaçu a qual muitos paranaenses tiveram acesso.⁴⁴ Para a maioria dos paranaenses, era no mínimo curioso que um rio que nascia no território da capital Curitiba, percorria todo o Paraná e, pouco antes de sua foz, contasse uma das mais belas paisagens descritas por um poeta.

Para além do registro de um momento, Domingos Nascimento deixou algumas ideias para se pensar o futuro da visitação nas Cataratas do Iguaçu. Com seriedade, ele também sugeriu algo como um elevador que poderia “descortinar todas as magnificências” das cataratas. Com um pouco de ironia, chegou a sugerir que Santos Dumont pudesse oferecer uma solução aérea. Sua ironia foi quase profética, porque de fato o famoso aviador viria visitar as Cataratas do Iguaçu, um ano após a morte de Domingos Nascimento.⁴⁵

Na mesma página que citou Santos Dumont, Nascimento comparou as Cataratas do Iguaçu com Niagara Falls. Com certo tom nacionalista, classificou o Iguaçu como “mais pitoresco” que o Niágara. Para embasar sua afirmação, citou o visitante britânico William Barclay que conhecera as duas cataratas (naquele mesmo ano de 1903) e escrevera: “Iguaçu está para o Niágara não como um rival, antes como um pitoresco complemento da grandiosa doação feita pela natureza às duas Américas”.⁴⁶

Por fim, Jesus Val estimulou ainda mais o lado republicano e nacionalista a Domingos Nascimento ao mostrar “uma planta de um projetado parque argentino”. Nascimento concluiu que a criação e construção de um parque do lado argentino da fronteira era uma questão de tempo. Mais grave era que a inspiração argentina era cópia de um projeto do brasileiro Edmundo de Barros, de 1897. Por fim, concluiu que o Brasil também deveria fazer isso.

As conexões com *Niagara Falls*

⁴³ *Ibidem*, p. 136.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 139.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 141.

⁴⁶ *Ibidem*.

O escopo das fontes selecionadas revelou que na análise das Cataratas do Iguazu, todos os autores fizeram ao menos menção à *Niagara Falls*.⁴⁷ As análises valeram-se de fontes secundárias e tiveram variações que podem ser associadas ao contexto específico da missão de cada um dos autores. Félix de Azara, por exemplo, fez uma comparação técnica e em seu livro não havia a preocupação com a beleza ou com o turismo. Evidentemente que essa abordagem reflete sua missão de delimitar os limites coloniais, o que é coerente com os interesses dos impérios da Espanha e de Portugal, que operavam sob a lógica colonial de exploração dos recursos da colônia em favor da metrópole. Também seria um anacronismo falarmos em turismo na virada do século XVII para o século XVIII.

A viagem de Alejo Peyret ocorreu sob o contexto após as independências, com os Estados Nacionais em processo de consolidação. A preocupação da Argentina na década de 1870 era de povoar o território por meio do estabelecimento de colônias agrícolas nas áreas mais remotas. Nesse novo contexto, o surgimento do nacionalismo influenciou esse e os demais relatos que passaram a destacar as belezas da nação, que deveriam ser conhecidas e visitadas. Assim, a comparação com *Niagara Falls* deixa de ter um caráter técnico e surge efetivamente na narrativa das Cataratas do Iguazu como um modelo.

No momento em que se identifica a necessidade de tornar as Cataratas do Iguazu conhecidas e de incentivar a visitação, o turismo passou a ser identificado com a nação. Nesse quesito, *Niagara Falls* já tinha tradição, já que o turismo por lá se desenvolvia pelo menos desde o início do século XIX. A análise de Alejo Peyret permite-nos observar que, quando da publicação do livro, em 1881, faltava dois elementos básicos no Iguazu, mas que já havia sido superado havia quase um século em Niágara: infraestrutura regional e infraestrutura de visitação.

A infraestrutura regional diz respeito principalmente ao acesso terrestre, o que naquele momento significava o uso de ferrovias. Portanto, era necessário investir e fazer chegar linhas de ferro com trem de passageiros até a fronteira entre o Brasil e a Argentina. A infraestrutura de visitação diz respeito aos dias seguintes ao desembarque dos passageiros do trem. Onde ficariam temporariamente hospedados, qual o transporte interno e que tipo de trilha haveria para que as pessoas contemplassem as cataratas. Tudo isso já existia em Niágara e não havia no Iguazu. E a conclusão de Peyret foi contundente: somente o Estado seria o agente capaz de proporcionar essas infraestruturas.

Essa constatação corroborava com um artigo publicado no Rio de Janeiro, em 1876 (portanto um ano antes da passagem de Peyret pelo Iguazu), de autoria do intelectual e

⁴⁷ Ressalta-se que a referência à *Niagara Falls* não foi um requisito para a escolha das obras (vide notas anteriores). Descobriu-se posteriormente a unanimidade dos autores em relação às cataratas da América do Norte.

engenheiro André Rebouças, um negro e monarquista que nunca esteve nas Cataratas do Iguaçu. Rebouças reuniu conhecimentos suficientes tanto do Iguaçu quanto de Sete Quedas (*Salto Del Guayrá*) e das ideias de preservação ambiental. Inspirado pelas mais de três mil milhas quadradas do Parque Nacional de Yellowstone, criado em 1872, propôs a criação de um gigante Parque Nacional que preservasse a área das Cataratas do Iguaçu e de Sete Quedas.⁴⁸

Para Rebouças, reservar a área das cataratas “intactas, livres de ferro e fogo” para as gerações futuras não excluía o turismo.⁴⁹ Em sua visão, barcos a vapor e ferrovias (infraestrutura regional) deveriam cruzar os vales do Paraná para receber “turistas para virem admirar uma região que possui rios que não temem a confrontação como o Mississipi, [e] cascatas que rivalizam com o Niágara”.⁵⁰ E as comparações de André Rebouças com *Niagara Falls* foram ainda mais específicas no plano da infraestrutura de visitação: no futuro Parque Nacional, “encontraremos, como em *Niagara Falls*, pontes suspensas, elevadores, planos inclinados, enfim a arte do engenheiro tentando elevar-se a altura do fiat de Deus!”.⁵¹

Tanto infraestrutura regional quando de visitação demandam investimentos do Estado, nesse caso, do Brasil ou da Argentina (ou de ambos). Naquele contexto em que o nacionalismo ainda estava amadurecendo, pensar em ações conjuntas do Brasil e da Argentina seria anacronismo. A primeira iniciativa formal partiu do Império do Brasil e foi implantada pela República do Brasil. Trata-se da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, planejada em 1888 e estabelecida em 1889. Por meio dessa iniciativa, militares do Exército Brasileiro estabeleceram na fronteira com uma série de desafios que certamente não tinham a ver com o desenvolvimento do turismo. Contudo, um dos diretores da colônia merece destaque: Edmundo de Barros.

Ainda que as fontes sejam escassas, os registros existentes sugerem que a Colônia Militar de Foz do Iguaçu impactou na infraestrutura de visitação nas Cataratas do Iguaçu, especialmente sob a direção de Edmundo de Barros. Apesar da influência de André Rebouças, a sugestão de Barros era mais modesta. Ao invés de um parque nacional gigante, poderia se criar um parque no entorno das Cataratas do Iguaçu. Nessa toada que produziu um mapa com o título: “esquema organizado segundo planta de estudos feitos no primeiro semestre de 1897, para servirem na demarcação de uma sede urbana do futuro Parque

⁴⁸ REBOUÇAS, A. Excursão ao Saldo da Guayra ou Sete Quedas pelo Capitão Nestor Borba - Notas e Considerações de André Rebouças [1876]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, jan. 1898. 65-87.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 86.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 83.

⁵¹ *Ibidem*, p. 86.

Nacional Brasileiro, pelo diretor interino da Colônia Militar de Foz do Iguaçu”.⁵² Também foi ele que, por iniciativa própria, pregou a plaquinha “Parque Nacional” que Florêncio de Balsadúa e outros viajantes argentinos encontraram e cuja ideia de que o Brasil criaria um Parque Nacional teve profundo impacto nas mentes de nacionalistas argentinos.⁵³

Balsadúa visitou as Cataratas do Iguaçu no mesmo ano que Edmundo de Barros concluiu o referido mapa, em 1897. A descrição de Balsadúa evidencia que qualquer que tenha sido a melhoria feita pela Colônia Militar na infraestrutura de visitação, seu impacto era pequeno. Ainda não havia nada comparável à visitação de *Niagara Falls*, embora o autor tenha preocupado com um aspecto diferente dos visitantes anteriores que analisamos (Félix de Azara e Alejo Peyret). Balsadúa, tomado por todo o simbolismo de sua missão de coletar evidências para representar a nacionalidade argentina em Paris, tirou uma conclusão: a beleza do Iguaçu era imensamente superior ao Niágara.

Balsadúa, que nunca esteve pessoalmente em *Niagara Falls*, embasou sua comparação na descrição de Domingo Faustino Sarmiento que, por sua vez, conhecera *Niagara Falls*, mas não esteve nas Cataratas do Iguaçu. Sarmiento foi presidente da Argentina de 1868 a 1874, e esteve em Niágara em 1847.⁵⁴ Seu relato foi utilizado no livro de Balsadúa como base para sua conclusão de que as Cataratas do Iguaçu eram superiores a *Niagara Falls*, em relação à beleza. Justamente por isso, ressaltou a necessidade de se desenvolver o turismo para que as pessoas “testemunhem a civilização argentina”.⁵⁵

E a civilização argentina não se confundia com a civilização brasileira. Depois da perspectiva argentina, a produção de Domingos Nascimento (1903) nos coloca “pela fronteira” em perspectiva brasileira. Quando o assunto é turismo, menciona seu guia espanhol como “o distinto colono e sua esposa e filhos... dignos da maior estima pelo seu trato cativante e decidido amor à terra brasileira”.⁵⁶ Isso porque Jesus Val proporcionava, com seus meios e recursos próprios, alguma experiência de visitação.

A comparação entre *Niagara Falls* e as Cataratas do Iguaçu feita por Domingos Nascimento teve um enfoque diferente das abordagens anteriores. Assim como Balsadúa, Nascimento também não conhecia Niágara, mas ressaltou a beleza “mais pitoresca” do Iguaçu recorrendo a um personagem externo para tirar sua conclusão sobre ambas as

⁵² BARROS, E. F. X. Planta dos Grandes Saltos do Iguassú ou de Santa Maria. [1897]. In: NASCIMENTO, D. *A hulha branca no Paraná*. Curitiba: Turnauer & Machado, 1914. A ação de Edmundo de Barros não se tornou uma iniciativa institucional. Tanto que, em 1910, a Colônia Militar concedeu o terreno em torno das Cataratas do Iguaçu para Jesus Val. O lote foi desapropriado em 1916 por iniciativa do Governo do Paraná (PARANÁ. *Decreto n. 653*. Curitiba: Presidência do Estado, 1916).

⁵³ FREITAS, F. *Nationalizing Nature*. *Op. cit.*

⁵⁴ BALSADÚA, F. D. *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*. *Op. cit.*, p. 168.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 171.

⁵⁶ NASCIMENTO, D. *Pela Fronteira*. *Op. cit.*, p. 129.

cataratas. Enquanto Sarmiento tinha conhecido apenas *Niagara Falls*, o escolhido de Nascimento era um estrangeiro que tinha conhecido as duas cataratas. William Barclay, visitou as Cataratas do Iguaçu em 1901 e publicou um livro em 1903, ao qual Nascimento teve acesso e transcreveu um trecho. Para Barclay, *Niagara Falls* e as Cataratas do Iguaçu não estariam em patamar de concorrência, mas de complementariedade.

Portanto, pode-se concluir que os agentes históricos promoveram uma história conectada entre *Niagara Falls* a partir das narrativas das Cataratas do Iguaçu desde o período colonial. Após as independências do Brasil e da Argentina, percebemos a preocupação crescente com a exposição e a visitação das Cataratas do Iguaçu que deveria ter em *Niagara Falls* um modelo de infraestrutura. Não um modelo específico a ser copiado, mas uma espécie de modelo em perspectiva. Peyret, Balsadúa e Nascimento ressaltavam a nacionalidade, a necessidade de tornar uma beleza natural conhecida e comparável com o turismo já existente em Niágara. Apoiavam-se em ideias de um futuro parque nacional como preconizado por André Rebouças e Edmundo de Barros, igualmente inspirados nos Estados Unidos. Por fim, ressalta-se que ainda que não dialoguem explicitamente e que não haja pesquisa suficiente nessa área, essas análises todas não estavam isoladas e havia também a ressonância de um movimento maior, o pan-americanismo.⁵⁷

Considerações finais

Meu objetivo nesse artigo foi analisar como *Niagara Falls* surgiu nas narrativas de visitação das Cataratas do Iguaçu, antes do atrativo sul-americano se tornar turístico – o que coloquei como marco o ano de início da comercialização de pacotes turísticos (1912). Para essa análise, selecionei quatro livros clássicos de visitantes das Cataratas do Iguaçu refletindo o recorte temporal entre o final do século XVIII e início do XX. Todas as fontes

⁵⁷ Estabelecido formalmente em 1889, o movimento pan-americano é complexo (BETHELL, L. O Brasil e as Conferências Pan-Americanas. In: ABREU, A. A. *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2013. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CONFERÊNCIAS%20PAN-AMERICANAS.pdf>>. Acesso em: 4 junho 2018; FERRERAS, N. O. La construcción de una *Communitas del Trabajo*: las relaciones de la Organización Internacional del Trabajo (OIT) y América del Sur durante la década de 1930. *Dimensões*, Vitória, 29, 2012. 3-21.). O pan-americanismo teve ações práticas e influências culturais duradouras, mas sua essência era o incremento do comércio entre os países da região. Discutia-se, por exemplo, como formar uma rede de estradas conectando todas as Américas (rodovia pan-americana). Em alguns documentos, encontra-se relatos esparsos sobre as futuras oportunidades de investimentos na região do Iguaçu. Um exemplo pode ser buscado em outro escrito do já mencionado William Barclay. Em 1909, no Boletim da União Pan-Americana, encontra-se um comentário de cerca de 20 páginas sobre um relatório seu. A conclusão é ilustrativa: “a oportunidade para investimento de capital é ilimitada” (BARCLAY, W. *The Basin of the Parana*. *Bulletin of the International Buereau of the American Republics*, Washington, n. 2, february 1909, p. 300). Nesse aspecto, nacionalistas e pan-americanistas concordavam que era desejável e tinha futuro uma melhor infraestrutura na região do Iguaçu, citando estrada de ferro, barcos, desenvolvimento do turismo.

elencadas fizeram comparação com *Niagara Falls*, que foram compreendidas dentro do contexto da missão de cada viajante. Essas comparações variaram da descrição (Azara) e se tornaram mais qualitativas durante o período nacional. Do período nacionalista, as publicações de Peyret (1881), Balsadúa (1901) e Nascimento (1903) apontaram para *Niagara Falls* como um modelo possível para visitação já que a beleza natural deveria servir ao propósito de enaltecer a na o e promover a identidade nacional.

Por op o, afastei-me da “história paralela” e ressaltei a “história conectada” entre *Niagara Falls* e Cataratas do Iguau, promovida pelos agentes históricos. Dentre as compara es, destacaram-se aquelas do período nacionalista e todas elas mencionaram *Niagara Falls* por fontes indiretas e as compara es limitaram-se aos projetos de infraestrutura em dois níveis: regional (hidrovia e ferrovia) e local (hospedagem, visita o em si). Ao final do texto, sugeri que, em âmbito regional, o interesse dos nacionalistas (fomentar o turismo) encontrou com o interesse de pan-americanistas (oportunidade de investimento financeiro). O diálogo entre nacionalismo e pan-americanismo, ou sua ausência, ainda não foi suficientemente estudado até o momento e figura como um objeto de pesquisa histórica instigante e que enfrentaria o desafio da transnacionalidade.⁵⁸ Contudo, outra lacuna parece-me um convite mais desafiador.

Considerando o turismo como fator de desenvolvimento econ mico regional, uma “história conectada da fronteira turística” Estados Unidos/Canadá e da fronteira Brasil/Argentina poderá ser útil a alguns propósitos. A compara o das estratégias de desenvolvimento em *Niagara Falls* e nas Cataratas do Iguau permitirá saber se o modelo apontado nos registros históricos teve alguma influência. Do ponto de vista social, uma pesquisa dessa natureza poderá levar a publica es que gerem aproxima o e conhecimento mútuo entre as comunidades do entorno de ambas as cataratas. Do ponto de vista acad mico, há pelo menos dois grandes temas e quatro perspectivas históricas a serem desenvolvidas. O estudo do desenvolvimento do turismo em *Niagara Falls* permitirá o conhecimento do diálogo com as identidades nacionais tanto do Canadá quanto dos Estados Unidos, e no Iguau com as identidades do Brasil e da Argentina. Outro tema é a identidade transnacional do pan-americanismo (ou como se prefere na América Latina, do americanismo abrangente). Por fim, um estudo desta envergadura exigirá do historiador um esforço de apropria o de ferramentas da História Comparada, da História Conectada, da História Transnacional e da História da Integra o Regional no espaço das Américas.

⁵⁸ PURDY, R. S. A História Comparada e o desafio da transnacionalidade. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, 6, n. 1, 2012. 64-84.

Recebido em 06 de março de 2024
Aceito em 24 de abril de 2024